

Migrações para a América: a presença nipo-brasileira no Norte

Novo de Maringá*

Sacrificavam o presente na pressa que tinham pelo futuro¹.

1. Notas preliminares

A colonização do Norte do Paraná, no sul do Brasil, é resultado de uma frente de expansão e ocupação procedente do Estado de São Paulo, que deixara suas marcas no chamado Norte Velho, na virada do século XIX. Ela se dá sob a égide de uma estrutura agrária tida como “democrática”, movida pela ideologia do trabalho e do pioneirismo. A partir dos anos 20, através do empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná, depois denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, o processo de ocupação e povoamento percorreu o Norte Novo de Londrina, em direção ao Noroeste do Estado. Na década de 1930 registra-se o início da ocupação do Norte Novo de Maringá, de cujo processo resultou a criação do município de Maringá em 1951².

A dinâmica do processo de povoamento se deve às proporções e à rapidez com que contingentes populacionais se dirigiram para a região que se caracterizou por elevado índice de crescimento demográfico, em particular nos anos 60 e 70. A lavoura cafeeira se expande através da pequena e média propriedades e a rápida ocupação das terras provoca, portanto, um adensamento populacional, cuja dinâmica imprime traços específicos à cidade no curtíssimo espaço de três décadas³.

* Hilda Pívaro Stadniky, professora titular do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e do Programa Associado de Pós-graduação UEM/UEL – mestrado em História Social, na linha de pesquisa “Fronteiras e Populações”. (hilda@onda.com.Br)

¹ ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. 40 anos de ACEMA. Maringá: ACEMA, 1987. Edição comemorativa do 40º Aniversário da Associação Cultural e Esportiva de Maringá.

² STADNIKY, Hilda Pívaro. Expropriação e distribuição social do consumo coletivo: a condição feminina enquanto categoria de análise. In: A economia em Revista, vol. 4, (1), Maringá, 1995, p. 61-81.

³ Idem, idem, p. 62.

A região assiste à ocupação das terras através da cafeicultura, à reconcentração fundiária, em função das transformações estruturais na agricultura, seguidas de forte êxodo rural, e à concentração populacional nos centros urbanos, de modo predominante. Sedimenta-se a idéia de empreendimento pioneiro bem sucedido de colonização “democrática” e do sucesso econômico vivenciado na região, da qual Maringá é o pólo principal⁴.

A diversificação da economia regional, portanto, é marcada por vigoroso dinamismo, não só em termos de espaço de tempo, mas, também, em termos de atividades. Da lavoura cafeeira à atividade industrial, as perspectivas de acesso à propriedade da terra e a demanda por força de trabalho resultaram em afluxo de migrantes, entre os quais japoneses e seus descendentes procedentes, em particular, do Estado de São Paulo.

Os imigrantes japoneses entraram no Brasil a partir de 1908 para trabalhar, principalmente, nas lavouras de café do Estado de São Paulo e, mais tarde, algumas levadas deslocaram-se para o norte do Paraná. Entre os fatores que contribuíram para esta migração interna estão, provavelmente, a proximidade com o Estado de São Paulo e a fertilidade das terras norte paranaenses. À chegada dos imigrantes japoneses no Norte Novo do Paraná, inegavelmente, deve-se grande contribuição para o processo de colonização da região.

Sem qualquer dúvida, este fenômeno migratório de longa distância, cruzando oceanos, marcou significativamente a história do Norte do Paraná desde seus primórdios até os dias atuais onde são visíveis os elementos econômicos e culturais da presença de nipo-brasileiros. Tal fenômeno se enquadra nas investigações mais recentes sobre as migrações para a América, cujas pesquisas têm alcançado notável desenvolvimento nos campos da demografia e da história econômica. Este artigo pretende destacar as características das áreas receptoras de correntes migratórias de

⁴ Ibidem, p. 62 e seguintes. STADNIKY, Hilda Pívaro. Uma colonização democrática: a negação das diferenças. In: **Cadernos de metodologia e Técnica de Pesquisa**. Universidade Estadual de Maringá, n° 6 (6), 1995, p.215-45.

japoneses e sua inserção social e econômica na sociedade de destino, bem como as consequências demográficas e econômicas do processo migratório.

2. De isseis a sanseis: os registros demográficos

O movimento de imigração dos japoneses para o Brasil tem seu marco fundamental registrado no ano de 1895, com a assinatura do Tratado de Amizade entre Brasil e Japão. Os propósitos ali contidos se objetivaram em 1906 através de contrato entre os dois países e previa a vinda de três mil imigrantes japoneses.

O marco da imigração japonesa no Brasil é 1908⁵, e o período entre 1925 e 1934 corresponde à segunda fase, em que o governo oriental passou a estimular a imigração para o Brasil, sendo então criadas, por ambos os governos, entidades específicas para regulamentar a questão⁶. Em 1925 ocorreu a fusão das companhias de imigração japonesa – a Kaiko – que proviam os imigrantes para as despesas de viagem. Várias outras formas de subsídios foram concedidas pelo governo japonês, inaugurando, assim, a fase da imigração oficializada⁷.

Até 1935 registrou-se considerável fluxo migratório de nipônicos⁸ e uma cooperação econômica mais próxima começara nos anos 30 quando os bancos e as companhias japonesas foram introduzidos no Brasil. Porém, no ano seguinte o Congresso Nacional aprovou a Lei de Cotas da Imigração. Promulgada por Getúlio Vargas a lei estabelecia que só poderiam entrar no Brasil, a cada ano, 2% do total de

⁵ Em 28 de abril de 1908 o navio Kasato-Maru partia de Kobe levando 158 famílias num total de 781 pessoas. Em 18 de junho chegava em Santos, inaugurando assim, a primeira conjuntura da imigração japonesa, cuja baliza cronológica é 1921. Nesta fase, os japoneses recebiam subsídios do governo do estado de São Paulo. Eram colonos com contrato de dois e três anos, para trabalhar nas fazendas de café. Contudo, treze meses após a chegada do Kosato-Maru e da inserção dos imigrantes japoneses nas lavouras no interior do estado de São Paulo verificou-se que apenas _ dos imigrantes ali permaneceram. Os demais, desiludidos com as condições de trabalho encontradas, diferentemente daquelas anunciadas pela propaganda, optaram por novo processo migratório. Grande número se dirigiu para a cidade de São Paulo e outra frente foi aberta em direção ao Norte do Paraná.

⁶ Em 1923, em consequência recessão mundial e, em particular, do grande terremoto de Kanto, o governo japonês passou a estimular o envio de pessoas para o Brasil.

⁷ Entre as atitudes dos imigrantes japoneses da fase em questão, estão presentes dois ideais: o de trabalhar intensamente por um curto período, cerca de 5 a 10 anos e obter uma poupança; e de retornar à pátria, pois a fixação definitiva em território brasileiro não fazia parte do projeto de vida da maioria deles.

⁸ Cerca de _ dos imigrantes japoneses anteriores à Segunda Guerra Mundial vieram ao Brasil durante a década de 1925-1935, sendo que este fluxo migratório somou aproximadamente 190.00 mil imigrantes.

imigrantes segundo a nacionalidade, admitidos nos últimos 50 anos. Tal restrição afetou diretamente os de nacionalidade japonesa, que em relação a outros imigrantes começaram a entrar tardiamente no país.

Uma terceira conjuntura se inaugurou a partir do início dos anos 40 em consequência do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Japão. Abriu-se uma política de estreito controle sobre os japoneses estabelecidos em território nacional, com o congelamento de bens, paralisação das aulas nas escolas da colônia e proibição de publicações em língua japonesa. Esta fase se encerrou com a declaração de guerra do governo brasileiro ao Japão e sua derrota na II Grande Guerra.

Uma nova conjuntura se inaugurou entre 1952 e 1961, quando foi retomada a imigração no pós-guerra que compreendeu cerca de 55 mil japoneses⁹. As relações recomeçaram em nível bi-lateral, de troca direta, graças ao comércio complementar. O governo japonês passou a fazer considerável investimento direto no Brasil. Ao longo dos anos 60 as companhias japonesas estabeleceram numerosas subsidiárias em todo o território nacional¹⁰ e o comércio entre ambos os países aumentou de 57 milhões para 1,7 bilhão de dólares, entre 1964 e 1974. Contudo, a partir de 1962 o processo migratório declinou em decorrência de fatores positivos que incidiam sobre a economia japonesa provocando sensível melhora no padrão de vida no Japão.

Nas décadas subseqüentes, em especial aquelas coincidentes com o Estado de Segurança Nacional inaugurado em 1964, as relações entre Brasil e Japão se intensificaram em função da capacidade dos investimentos japoneses em múltiplas áreas

⁹ Durante todo o período de pré-guerra, mais de 90% dos japoneses viviam nas zonas rurais engajados em atividades agrícolas, nas fazendas de café, tanto como colonos, parceiros, arrendatários ou como pequenos proprietários de terras (sitiantes). Ao longo da década de 40, a maior parte deste povo subiu para as classes médias em virtude da prosperidade econômica ocorrida no Brasil, em especial no setor agrícola. Ao mesmo tempo, uma vigorosa urbanização dos japoneses foi iniciada no final da década de 30 e disseminada nas décadas subseqüentes. No final dos anos 50, cerca de 45% do total dos japoneses no Brasil já viviam em áreas urbanas. Em 1970, mais da metade dos 600.000 japoneses viviam nas cidades e deste total cerca de 150.000 estavam radicados em São Paulo. Desse modo, metade dos japoneses residentes na zona urbana se concentrava em uma única cidade. Cf. SAITO, Hiroshi & MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1973, p.244.

da economia. Além de peças e componentes, foram desenvolvidos novos setores, incluindo o petroquímico, alumínio, aço, celulose, com destaque para o soja na região do Cerrado.

A última década do século XX foi marcada por situação inversa e as relações com o Japão tomaram caminhos diversos. Abria-se um amplo leque de possibilidades de trabalho nos mais diversos campos da economia japonesa e aos *dekaseguis* coube imprimir novas nuances nas tradicionais relações entre Brasil e Japão. Consta-se, de um lado, que aos imigrantes japoneses radicados do Brasil cabe o rótulo de maior colônia fora do Japão, com mais de 1 milhão de descendentes. Isso equivale a 90% da imigração japonesa na América Latina. De outro lado, o crescente aumento de brasileiros na Terra do Sol culminou com cerca de 240 mil *dekaseguis*, a maioria, descendentes de japoneses. As práticas atuais são marcadas por intercâmbios culturais e de trabalho e as relações entre os dois países passaram a ser centradas nos investimentos e cooperações econômicas.

O foco principal de nossa atenção reside na presença de japoneses no Norte do Paraná. Ela é registrada a partir de 1914, em Cambará, no chamado Norte Velho, e, no final dos anos 20, constatam-se famílias nipônicas na região de Cornélio Procópio, Assaí e Uraí. A fase mais dinâmica de imigração inaugurou-se em 1925 em cujo contexto se dá a ocupação do Norte Novo, que tem em Londrina o maior número de nipônicos e seus descendentes¹¹.

Londrina, inicialmente, e, depois, Maringá (cujo distrito é fundado em maio de 1947) se tornariam os principais centros de irradiação do povoamento que englobaria, necessariamente, a presença de nipônicos rumo ao Norte Novíssimo¹². Os únicos dados

¹⁰ Destacamos, por exemplo, a companhia naval Ishibrás, no Rio de Janeiro, a montadora Toyota em São Paulo, as companhias eletrônicas Sharp, Toshiba e Matsushita, e as fábricas Honda e Yamaha na Zona Franca de Manaus.

¹¹ Consultar o interessante trabalho de ANDRADE, João Corrêa de. *A Colônia Esperança: o japonês na frente pioneira norte paranaense*. UFPr, Dissertação de Mestrado (Depto de História), Curitiba, 1975.

¹² O Censo de 1940 registra 8.064 japoneses e brasileiros naturalizados deles naturais no Paraná. Para 1950 são computados 15.393 estrangeiros e brasileiros naturalizados naturais do Japão.

disponíveis que registram tal presença são oriundos do Censo da Colônia Japonesa no Brasil, de 1958, proposto pela Comissão de Festejos do quinquagésimo aniversário da imigração. Foi realizado, em comum, pelo IBGE e a Universidade de Tóquio, responsável pela análise dos dados. Os resultados tornaram-se públicos em 1964, em texto bilíngüe - japonês-inglês - contribuição ímpar para estudo pormenorizado dos mais diversos aspectos da presença japonesa no Brasil¹³.

O Censo da Colônia Japonesa no Brasil, por razões práticas, dividiu o Estado do Paraná em treze grandes regiões, cuja nomenclatura foi emprestada dos nomes das cidades consideradas pólos. Dele podemos extrair dados que imprimem caráter comparativo à concentração nipo-brasileira em Maringá e demais regiões, conforme nos indicam os quadros 1, 2 e 3.

Quadro nº 1

Paraná - Japoneses e descendentes segundo as regiões - 1958

Região	Total	Geração		Residência		Sexo	
		I	D	U	R	M	F
Londrina	26.847	8.092	18.755	10.921	15.926	13.715	13.130
Maringá	15.533	4.533	10.980	6.712	8.821	7.977	7.556
C.Procópio	8.792	2.591	6.201	1.911	6.881	4.540	4.252
Apucarana	7.029	2.040	4.989	2.868	4.161	3.589	3.440
Paranavaí	5.394	1.611	3.783	1.778	3.616	2.856	2.538
Jacarezinho	3.920	1.259	2.661	1.249	2.671	2.047	1.873
Tomazina	3.380	1.022	2.358	496	2.884	1.639	1.741
Curitiba	1.396	1.747	1.463	1.680	2.259	884	1.396
C. do Oeste	2.695	926	1.769	701	1.994	1.472	1.223
Litoral	1.166	389	777	532	634	601	565
C. Gerais	164	41	123	83	81	106	58
Sudoeste	31	13	18	17	14	19	12

¹³ Japão. Universidade de Tóquio, 1964. Apud ANDRADE, João Corrêa de. Op. Cit. p. 50 e seguintes.

Castro	3	-	3	3	-	3	-
Total	78.097	23.421	54.676	28.951	49.146	40.313	37.784

(I) Imigrantes, (D) Descendentes, (U), Urbana, (R) Rural, (M) Masculino, (F) Feminino.

Fonte: Andrade, João Corrêa de. *Op. cit.*, p. 57.

Quadro nº 2

Paraná: Japoneses e descendentes, população urbana e rural - 1958

Região	Total	Geração				Residência			
		I	%	D	%	U	%	R	%
Londrina	26.847	8.092	38,28	18.755	33,49	10.921	38,13	15.926	32,53
Maringá	15.533	4.533	19,43	10.980	21,00	6.712	23,00	8.821	18,00
C. Pro Cópico	8.792	2.591	11,06	6.201	11,34	1.911	10,00	6.881	14,00
Apucarana	7.029	2.040	8,71	4.989	9,12	2.868	6,60	4.161	8,46
Paranavaí	5.394	1.611	6,87	3.783	6,91	1.778	6,10	3.616	7,30
Jacarezinho	3.920	1.259	5,37	2.661	4,80	1.249	5,63	2.671	5,86
Tomazina	3.380	1.022	4,36	2.358	4,30	496	4,30	2.884	5,43
Curitiba	1.396	1.747	4,08	1.463	4,13	1.680	2,40	2.259	4,05
C. do Oeste	2.695	926	3,95	1.769	3,23	701	1,80	1.994	3,00
Litoral	1.166	389	1,66	777	1,42	532	1,70	634	1,20
C. Gerais	164	41	0,17	123	0,22	83	0,28	81	0,15
Sudoeste	31	13	0,05	18	0,03	17	0,05	14	0,02
Castro	3	-	0,01	3	-	3	0,01	-	-
Total	78.097	3.421	100	54.676	100	28.951	100	49.146	100

(I) Imigrantes, (D) Descendentes, (U), Urbana, (R) Rural, (M) Masculino, (F) Feminino.

Fonte: Andrade, João Corrêa de. *Op. Cit.*, p. 61-2.

Quadro nº 3
Paraná - Censo da Colônia Japonesa - 1958
6ª Região - Maringá

Região	Total	Geração		Residência		Sexo	
		I	D	U	R	M	F
Alto Paraná	644	185	459	260	384	331	313
Araruna	32	10	22	13	19	13	19
C. Mourão	616	193	423	130	486	324	292
Cianorte	472	118	354	323	149	236	236
Cruzeiro do Sul	374	118	256	9	365	186	188
Eng. Beltrão	19	14	5	0	19	12	7
Floraí	836	243	593	40	796	440	396
Jussara	278	78	200	128	150	145	133
Mandaguaçu	200	58	142	96	104	101	99
Mandaguari	746	198	548	456	290	395	351
Marialva	1.474	492	982	554	920	738	736
Maringá	5.522	1.575	3.947	3.318	2.204	2.833	2.689
Nova Esperança	2.742	749	1.993	982	1.760	1.400	1.342
Paranacity	247	77	170	1	246	132	115
Peabiru	168	58	110	60	108	88	80
S. Jorge do Caiuá	197	85	112	54	143	104	93
São Jorge	513	161	352	114	398	263	250
Terra Boa	453	141	312	173	280	236	217
Total	15.533	4.553	10.980	6.712	8.821	7.977	7.556

(I) Imigrantes, (D) Descendentes, (U), Urbana, (R) Rural, (M) Masculino, (F) Feminino.

Fonte: Andrade, João Corrêa de. *Op. cit.*, p. 54.

O Serviço de Imigração Japonesa, por sua vez, informava, em março de 1968, que mais de 615.000 japoneses e seus descendentes residiam no Brasil. Se tomados os números correspondentes ao fim da Segunda Guerra, em torno de 250.000, os dados do final dos anos 60 representam considerável aumento deste contingente¹⁴.

Em 1977, segundo estimativa da Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, havia cerca de 73.298 isseis (imigrantes japoneses) nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e parte de Minas Gerais (Triângulo Mineiro). Destes, 28.000 (cerca de 38,2%) eram pessoas com 65 anos e mais de idade, e a maior concentração desse contingente issei encontrava-se no estado de São Paulo, com 80,9%, e no Paraná, 15,5%¹⁵.

Os japoneses e seus descendentes são, no Brasil, cerca de 1 milhão e 200 mil, dos quais 140 mil vivem no Paraná, constituindo a segunda colônia do país¹⁶. Londrina, juntamente com Curitiba, Assaí, Uraí e Maringá, detêm o maior contingente de japoneses do Estado. Em 1989, Maringá abrigava aproximadamente 12.500 descendentes de japoneses¹⁷. Após esta data, não há dados estatísticos atualizados em relação ao número de descendentes de nipônicos, porém, estima-se em 16 mil, aglutinados em cerca de 4 mil famílias¹⁸.

¹⁴ SIMS, Harold D. Japanese postwar migration to Brazil: an analysis of data presently available. Apud ANDRADE, João Corrêa de. Op. Cit., p. 30.

¹⁵ BORN, T. A chamada terceira idade entre os Nikkeis no Brasil. In: O Nikkei e sua americanidade. São Paulo: M. Ohno, 1986.

¹⁶ RESENDE, T. H. Ryu Mizuno: saga japonesa em terra brasileira. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1991.

¹⁷ TORTATO, A. 50 anos de presença japonesa em Maringá: de 1939 a 1989. Apud PINTO, Meyre Eiras de Barros. Concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira. UNICAMP, Tese de Doutorado (Faculdade de Educação), 1997.

¹⁸ Conforme [estimativa e comunicação verbal](#) do Sr. Kenji Ueta, membro do conselho consultivo da Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). Apud PINTO, Meyre Eiras de Barros. Op. Cit. p.87. Por ocasião da comemoração dos 40 anos da ACEMA, calculava-se que a comunidade nipo-brasileira ultrapassava três mil famílias. Conf. Associação Cultural e Esportiva de Maringá. Op. Cit., p. 17.

Os isseis que trouxeram consigo, para o Estado do Paraná, os costumes e a língua, hoje têm entre 65 e 80 anos de idade. Seus descendentes de primeira geração, os niseis, estão entre 40 e 55 anos, e de segunda geração, os sanseis, na faixa de 18 a 35 anos.

3. Identidade étnica: estratégias de re-elaboração.

Da conhecida Cooperativa de Cotia ao Banco Sul Brasileiro¹⁹, ao longo da trajetória da moderna colonização capitalista do Norte do Paraná, de isseis a sanseis, Maringá tem sido arena da presença nipo-brasileira. A natureza policromática da história de nipo-brasileiros no Norte do Paraná e, em particular, em Maringá, demanda um olhar mais demorado e cuidadoso nas estratégias de manutenção dos traços da tradicional cultura japonesa²⁰.

A expressão “nipo-brasileiro”, surgida no contexto da colonização japonesa no Brasil, sugere a noção de pertencimento dos japoneses imigrantes e seus descendentes a uma comunidade étnica, culturalmente definida, e a uma entidade politicamente definida, no caso o Estado brasileiro. Esta noção denota as diferenças sociais e culturais da colônia nipônica em relação à sociedade brasileira e é representativa do processo de construção da identidade do grupo na nova pátria, onde é importante lidar com vários elementos simbólicos, como a territorialidade e os estereótipos relacionados à tradição cultural. Assim, surgem as autodefinições dos grupos recém-chegados e tidos como diferentes pelos nativos. A afirmação da excelência e da generalidade de seus valores, que, na verdade, mesmo na pátria de origem, comportam variações temporais, geográficas e qualitativas, serve aos propósitos de auto-afirmação de grupos recém-chegados.

O hábito de atribuir a grupos certos traços culturais homogêneos e estáveis é largamente disseminado, e certamente oculta toda a riqueza inerente aos processos de desenvolvimento e de construção das identidades dos indivíduos e grupos. Entretanto,

¹⁹ A movimentação de capitais nipônicos em circulação entre os japoneses no Paraná, bem como seus investimentos, atraíram o interesse financeiro do Grupo Tozan que, em 1962, inaugurou em Curitiba, capital do estado, a primeira agência do Banco América do Sul no Paraná.

²⁰ Não se trata de discutir o conceito de cultura, tomado, aqui, no sentido mais amplo do termo, a partir de uma perspectiva dinâmica.

este pode ser um recurso para lidar com a diferença e dela tirar proveito, em termos de obter parâmetros para analisar o que ocorre em outros grupos étnicos.

Segundo esta ótica generalizante, a família é um dos valores centrais da cultura japonesa, local de exercício de poder e prestígio dos membros mais idosos, particularmente, na fase da vida em que se caracteriza o “*inkyō*” e a presença do “*chonān*” na casa paterna. A família determina posições e atribui papéis aos seus membros com base em critérios de geração, gênero e idade. Assim, as relações hierárquicas fundamentam-se na autoridade paterna e suas raízes fincam-se na tradição da família japonesa, e os direitos e deveres se definem por essa tradição. Neste sentido, os interesses subordinam-se à família como um grupo, e que o termo “individualismo” assume conotação negativa, pois é identificado como elemento caracterizador de atitudes anti-sociais. O indivíduo deve ser considerado como membro de uma família, o que o impede de assumir responsabilidades pessoais e tomar decisões individuais. A preservação da unidade da família e sua continuidade são vistas, antes de tudo, como dever moral.

Segundo Benedict, a submissão à vontade da família se dá em nome de um valor supremo ao qual todos se curvam, por mais opressivas que sejam suas exigências. É justificada pelo valor atribuído à lealdade e à hierarquia virtudes, aliás, que devem preponderar também no âmbito da vida social²¹.

A presença de isseis e seus descendentes no processo de desbravamento e colonização da região, os modos de organização e manifestação de seus tradicionais valores culturais, através da multiplicidade de formas associativas, são, incontestavelmente, dignos de menção pormenorizada. A organização da comunidade nipo-brasileira é vislumbrada através de suas associações culturais e esportivas, das escolas de língua japonesa, templos e igrejas, que marcam presença em todo o Norte do Paraná.

²¹ BENEDICT, R. O crisântemo e a espada. Apud PINTO, Meyre Eiras de Barros. Op. Cit., p. 51.

A comunidade nipo-brasileira congregava, em 1947, 65 famílias, quando foi criada, em junho, a Associação dos Japoneses de Maringá (*Nipponjinkai*)²², germe da atual Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). A edificação da sede se deu em terreno doado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e foi inaugurada em 1949.

Em 1963, foram inauguradas nas dependências da sede social a Escola de Ensino Primário e a primeira Escola de Língua Japonesa, segundo a preocupação dos dirigentes em assegurar à sua comunidade os substratos sócio-culturais através da orientação educacional dos seus filhos. Enfatizava-se que

*o espírito conservador dos pioneiros nipo-brasileiros acalentava o desejo natural de transmitir a seus descendentes os costumes tradicionais da família japonesa ao lado de proporcionar-lhes o aprendizado da cultura brasileira*²³.

Dois anos depois foi fundada a Escola Profissionalizante de Segundo Grau - Colégio São José - reconhecida pela Secretaria de Educação do Município e sob administração direta da Associação²⁴. Movida ainda pela preocupação de assegurar o ensino do japonês às gerações futuras a ACEMA gestionou junto à Universidade Estadual de Maringá a criação do Instituto de Estudos Japoneses, em 1982, cujas atividades tiveram início efetivo em 1984. A população alvo são os universitários, em particular aqueles interessados em programas de bolsas no Japão.

Concomitante à Associação Cultural foi fundada a Sociedade Cultural e Esportiva de Maringá (SOCEMA), dirigida pelos jovens da comunidade e funcionando, ambas, em sede única. Em 1972, as duas entidades foram fundidas sob nova denominação - Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). Com a presença do príncipe

²² Seus idealizadores e fundadores foram os senhores Jinroku Kubota, Yoshio Hayashi, Hideto Kakuda, Mitsutsuti Tokuda, Massaiti Hiromori, Tokuchiro Iwamura, Iwajiro Matsuda, Kumaiti Sakamoto, Shigueru Fujii, Fujio Tanaka, Shiguo Arai, Akira Nakajima e Kyo Ando. Conf. ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. Op. Cit., p. 17.

²³ ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. Op. Cit., p. 17.

²⁴ PINTO, Meyre Eiras de Barros. Op. Cit., p. 88-9.

Akihito e da princesa Michiko, então herdeiros da família imperial, em 1978, pela comemoração dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil, foi lançada a pedra fundamental da nova sede da entidade, concluída em 1980.

Maringá e Kakogawa, da província de Kyogo, são co-irmãs desde 1973 e, a partir de então, multiplicaram-se os convênios internacionais. Entre eles, destacam-se os firmados pela ACEMA com a Associação Nipo-Brasileira, para intercâmbio de jovens, e com a Agência Japonesa de Cooperação Internacional (JICA). Esta última, responsável parcial pela construção da Casa do Estudante. Em 1979, Maringá recebeu de sua co-irmã cento e cinqüenta mudas de cerejeira, plantadas no Parque do Ingá (um dos parques localizados no centro da cidade) e nos jardins da ACEMA.

Quando no futuro essas mudas se transformarem em árvores frondosas, certamente a co-irmandade entre as cidades de Kakogawa e de Maringá terá alcançado toda a sua plenitude²⁵.

Por ocasião da comemoração dos 10 anos de irmandade, a ACEMA recebeu do povo de Kakogawa, projetada pelos paisagistas daquela cidade, a planta do jardim oriental, construído na entrada principal da entidade. Há, ainda, no Parque do Ingá, o Recanto Oriental, inaugurado por ocasião da vinda do príncipe Akihito. Tal visita rendeu-lhe significativa homenagem, pois, os ipês que florescem nas avenidas centrais da cidade foram denominados, oficialmente, de “Imperiais”.

Ao nível do Estado, a ACEMA participa da Liga Desportiva Norte Paranaense e da Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná, entidades que congregam as Associações Culturais e Esportivas do Estado.

Aspecto interessante de menção é a Associação das Senhoras Nipo-brasileiras de Maringá, a Maringá *Funjikai*, criada em 1954, cujo relacionamento com a ACEMA é comparado pelos seus diretores, ao convívio familiar, pelo íntimo relacionamento nas

²⁵ ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. Op. Cit., p. 23.

atividades entre ambas as entidades²⁶. A *Funjikai* preocupa-se em orientar as associadas para artes culinárias, arranjos florais e danças orientais (*odori*), em particular. Mantém em funcionamento cursos de treinamento das jovens niseis e sanseis, para dança japonesa e prática de gateball, em uma congregação que supera a casa de três centenas de senhoras²⁷.

A preocupação com práticas congregacionistas se faz presente, também, na *Associação Jitsuguyo Club de Maringá*, fundada em 1960, a fim de reunir empresários nipo-brasileiros radicados na cidade²⁸. De início, havia previsão de uma reunião mensal, restrita aos chefes de família, onde seriam discutidos os problemas e planos ligados aos interesses dos empresários. Porém, gradativamente, a estas reuniões somaram-se outras, juntamente com os familiares, com caráter festivo mensal de conagração. *Jitsuguyo Club* atua, além disso, como entidade de apoio aos eventos de cunho social e filantrópico da comunidade nipo-brasileira. Regularmente, a agremiação convida empresários, autoridades e profissionais liberais, de setores diversos, para proferir palestras sobre saúde, educação, assuntos fiscais, comerciais e esportivos ligados ao cotidiano. No final do ano, há doações ao Lar dos Idosos do Município de Maringá e ao *Wajun-kai*. Após décadas de trabalho, os associados acreditam que *a filosofia dos pioneiros persiste com a mesma intensidade e que, certamente, haverá de continuar por muitos anos*²⁹.

Em Maringá, está edificada a única instituição de amparo aos idosos de origem japonesa e seus descendentes. A Associação Paranaense de Amparo às Pessoas Idosas “*Wajun-kai*”, organizada em 1975, é mantida pelas Associações Culturais e Esportivas nipônicas espalhadas pelo Estado, através de doações e de arrecadação em eventos de caráter beneficente, além da contribuição mensal dos fiéis budistas e metodistas da colônia.

²⁶ A reunião de fundação contou com treze participantes e à senhora Ayame Kassaoka coube a primeira presidência da entidade. Cerca de trinta anos depois, o número de associadas elevou-se para quase trezentos em função da intensificação das promoções.

²⁷ PINTO, Meyre Eiras de Barros. Op. Cit., p. 90 e seguintes.

²⁸ Associação idealizada por Yoshikazu Tomizawa e Hatsutarō Suzuki, a quem coube a primeira presidência, com adesão de Katsuji Nishiyama, Hatsukiti Matsuo, Massanobu Sato, Sampei Shima e Tsutomu Hirata.

O destaque ao aspecto religioso fica por conta da construção do templo *Nippakuji* de Maringá, a partir de um movimento de catequese em São Paulo, datado de 1953. Este movimento tomou como lema da seita *Jodoshu* a orientação religiosa, educação e assistência social. À frente do trabalho de instalação da Diocese de Maringá estiveram os padres Kan Seichó e Lyuun Ikeguchi e a inauguração se deu em 1983. A seita, embora de início desconhecida entre os nipo-brasileiros locais, tem a raiz dos templos Honganji. A denominação oficial do templo é *Okamotoyama-Lyoomeiin-Nippakuji*, destina suas dependências ao convívio social e atua no campo da orientação religiosa, educação cívica e assistência social. Segundo seu bispo, tem procurado servir como centro de cultura cívico-religiosa para as diferentes gerações de fiéis que o freqüentam. Além deste templo há o Higashi-Honganji, ligado ao budismo.

No elenco de entidades destacam-se, ainda, a *Loosoo-Kai*³⁰ e a *Min-yo-Kai* de Maringá. A primeira, de caráter social e recreativo, congrega pessoas nascidas a partir da era *Meiji* (1865), portanto, com a denominação inicial de *Meiji-Kai*, pois, o objetivo era reunir pessoas acima de 65 anos. A nova nomenclatura, adotada em 1974, tem por alvo pessoas nascidas na era *Taishô* (1910). O templo *Higashi-Honganji* é palco de suas reuniões mensais, com o apoio da ACEMA. Entre suas promoções destaca-se o festival *Ohako-taikai* (comemoração do Dia dos Pais). A outra entidade, *Min-yo-kai* (Associação Folclórica de Maringá), foi criada, oficialmente, em 1969³¹. Além de incentivar a divulgação da canção folclórica japonesa, tem contribuído para a projeção de Maringá no cenário cultural ao nível nacional e internacional, através da participação em festivais consagrados. Além do canto, são divulgados inúmeros instrumentos através da iniciação musical. São conhecidos, entre outros: *taiko* (percussão), *fué* e *shakuhati* (sopro), *shamissen* (corda). Destaque musical, *Shiguim*, é o canto épico dos samurais.

²⁹ ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. Op. Cit., p. 37.

³⁰ Fundada em 1967, por iniciativa de Yoshio Hayashi, Seiji Katsuyama e Minoru Murata.

³¹ O movimento em torno do Min-yó foi dinamizado, inicialmente, pela família Abe e Minoru, Shiguo e Tadashi Abe são suas expressões. A ele agregaram-se Shin-ichi Fukuda, Kinue Kojina, Sadayuki Terabe, Michinori Mitsuda. Entre seus incentivadores estiveram aqueles que se destacaram na presidência da Associação: Minoru Abe, Shin-ichi Fukuda, Bakussen Murata, Kikussaburo Yamagata, Kenji Ueta, Sadayuki Terabe, Michinori Mitsuda, Massaharu Abe, entre outros.

Juntamente com o *Haikai*, faz parte da cultura japonesa há séculos. *Seiry-Kai* é uma das correntes do *Shiguim* e, com o propósito de promover sua prática e divulgação, foi criada a *Shiguim-kai* de Maringá, que congrega mais de 50 associados e mantêm a tradicional reunião mensal³².

Segundo os adeptos, o *Haikai* atua como terapia ocupacional, reduzindo a incidência de senilidade precoce e da solidão, que acometem os idosos. Os Haikaistas de Maringá, discípulos do mestre Nempuku Sato, organizados em associação desde 1953, têm seus trabalhos publicados no periódico *Kokague* e no *São Paulo Shimbun*, tornando a entidade representativa em todo o Estado³³. Anualmente, Maringá sedia o Encontro Regional dos Haikaistas, com a presença marcante de Nempuku Sato. Embora com número reduzido pela morte dos mais antigos, os associados reúnem-se, semanalmente, nas dependências do templo *Higashi Honganji*, e dizem esperar que a segunda e a terceira gerações despertem para esta arte da cultura japonesa.

Ao longo de quase cinco décadas de história de Maringá a comunidade nipo-brasileira dedicou-se, não só, às atividades da agricultura, indústria e comércio. Têm se destacado no campo artístico como pintores, escultores, artesãos de cerâmica, arranjos florais (*ikebana*), etc. Entretanto, entre os traços mais vivos das tradições culturais japonesas, está a cerimônia do chá, assegurada graças a Associação do Cerimonial do Chá, fundada em 1975, com o apoio das senhoras da igreja *Seicho-No-Iê*. Desde os anos 80, os ensaios vêm se realizando na Escola Luz e Amor (*Aikó-En*), onde são oferecidos cursos anuais regulares³⁴. Em 1983, foi constituído, oficialmente, o Departamento de Artes Florais e Cerimonial do Chá da Associação Cultural e Esportiva de Maringá cujo representante é delegado junto à Associação Central. De caráter complementar, a arte de

³² Shinguim é o canto épico entoado pelos senhores feudais e a Seiryu-Kai foi obra de Shiguelo Yokoyama.

³³ Entre os haikaistas locais destacamos: Seiyu Yoshino, Tyoju Sato, Bansen Murata, Kaijó Miyazaki, Gocen Hatsuyama, Shonanshi Suzuki, Koei Suzuki, Shiguero Nishimura, Tsuneo Ota, Sueko Nagao, Tsutae Sato, Tamae Katsuyama, Sagami Yoshimura, Tokiko Yamagata, Kishijo Nishimura, Takeyo Yoshino, Takemi Shima, Mie Kawakami, Yayoko Ota, na defesa da tradição e do espírito do haikai.

³⁴ Em 1979, através de evento especial no Parque do Ingá, registrou-se a recepção dos mestres Sookei e Sooen Hayashi, vindos do Japão na condição de instrutores permanentes dos cursos oferecidos pela Associação a partir de então.

arranjos florais em vasos está presente através da Associação de Artes Florais de Maringá, fundada em 1963, oficializada como regional da Escola *Ikenoboo*, setor América do Sul, pela entidade sediada em São Paulo. É reconhecida enquanto regional paranaense, desde 1987.

Oficialmente, o Movimento *Seicho-No-Iê* teve início, em Maringá, em 1952, com a Associação *Sooai-Kai*, que congrega senhores com idade superior a 50 anos³⁵. Posteriormente, foi fundada a *Soonen-Kai* que congrega senhores com idade inferior a 50 anos³⁶. Em 1955, foi constituída a 1ª diretoria da *Associação Shirohato-Kai* (Senhoras Pombas Brancas)³⁷ e, em seguida, criou-se a *Associação Wakahato-Kai*³⁸, que reúne as senhoras com idade inferior a 50 anos. Ainda, em 1955, foi constituída a *Associação Seinen-Kai*, dos jovens de ambos os sexos. Apenas em 1977, foi fundada uma Associação de Divulgação em Português com senhores e senhoras adeptas do *Seicho-No-Iê*. Em seguida, foi desmembrada em *Sooai em Português* (senhores) e *Shirohato em Português* (senhoras).

Nas atividades desportivas, além dos tradicionais baseball e tênis de mesa, há destaque para softball e gateball, esta última, introduzida no Brasil em 1983 pelo padre Yomei Sasaki, da Igreja *Jodoshu*, destinada especialmente aos sexagenários.

Afirmava Noboru Yamamoto, por ocasião do 40º aniversário da ACEMA:

Não poderia deixar de ressaltar a filosofia de vida que norteia os japoneses, mola propulsora pelo seu modo de agir, sentido de vida que imprimem e

³⁵ Foram destacados os trabalhos desenvolvidos à frente da entidade através de seus presidentes Kaetsu Shiogiri, Kyoso Andó, Yoneiti Okamoto, Kusuta Kasuya, Hatiti Moriwaki, Hissayoshi Fuji, Yoshita Otani e Tanehide Otsuki.

³⁶ Por ordem cronológica, entre os presidentes iniciais citamos os senhores Kenssaku Noda, Massaru Katayama e Kazuharu Saito.

³⁷ Digna de menção a atuação das senhoras Kanae Shiogiri, Kano Ando, Shigueno Okamoto, entre outras.

³⁸ A subdivisão da *Sooai-Kai* ilustra de maneira particular as múltiplas redes hierárquicas constitutivas de um dos traços mais importantes dos tradicionais valores da cultura nipônica. Não só isto, mas a questão e o significado do gênero e a precedência do masculino nas relações hierárquicas, reproduzidas a partir da própria organização da família.

*exemplo de dedicação constante na defesa do progresso, de forma a assegurar o futuro certo e seguro de nossa comunidade*³⁹.

*Nessas quatro décadas, a comunidade nipo-brasileira, através da ACEMA, vem promovendo a preservação e o desenvolvimento dos valores permanentes, tais como: culturais, sociais e esportivos, dizia Omero Oguido. Não há dúvida nenhuma que a comemoração dos 40 anos de fundação constitui um marco importante na colonização japonesa no Norte do Paraná, acrescentava. Na sua opinião, as duas comunidades encontram-se perfeitamente aculturadas*⁴⁰.

Os próceres têm consciência da fase de transição da liderança dos pioneiros isseis para os niseis e sanseis. *“É uma tendência natural que o tempo impõe sobre tudo que se passa na sociedade”*. Gradativamente a liderança jovem toma posições para substituir os isseis. *“No entanto, percebe-se, a cada passo dado, a importância da participação dos pioneiros, aliando-se a experiência dos veteranos à pujança dos jovens”*. Outra manifestação mais incisiva expressa que:

*esta convivência de gerações ainda terá um longo curso para consolidar profundamente a base de uma comunidade, firmada sobre a tradição milenar trazida do país de origem e polida e moldada na vivência sob uma nova nacionalidade a que se integrou ao longo dos anos*⁴¹.

4. A título de conclusão

Esta visão caleidoscópica da presença nipônica em Maringá, sensível às múltiplas possibilidades de mudanças intergeracionais, explícita, sobretudo, suas estratégias organizacionais. Os laços de solidariedade têm papel de inofismável importância na reelaboração da identidade étnica do grupo e na organização comunitária.

³⁹ ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. Op. Cit. p. 10.

⁴⁰ Idem, idem, p. 9.

⁴¹ Ibidem, p. 21.

A organização familiar, inegavelmente, cumpriu um papel fundamental no processo de adaptação dos japoneses no Brasil, pressionados, de um lado, pelo forte preconceito dos brasileiros e, de outro, pelo fato da orientação cultural e social dos imigrantes estar voltada para o Japão. Criaram-se laços de solidariedade e de sentimento grupal, lastreados na convivência com parentes e conterrâneos. Assim, a forte coesão e o etnocentrismo do grupo foram fatores fundamentais no seu difícil processo de adaptação.

Neste processo, a família desempenhou importante papel, uma vez que os imigrantes, separados do seu grupo de parentesco deixado no Japão, passaram a ver nela a unidade mais importante, quer do ponto de vista afetivo, quer do econômico.

Referências:

- ANDRADE, João Corrêa de. *A Colônia Esperança: o japonês na frente pioneira norte paranaense*. UFPr, Dissertação de Mestrado (Depto de História), Curitiba, 1975.
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE MARINGÁ. *40 anos de ACEMA*. Maringá: ACEMA, 1987. Edição comemorativa do 40º Aniversário da Associação Cultural e Esportiva de Maringá.
- BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- BERCOVICH, A. M. *Características regionais da população idosa no Brasil*. In: 1º Seminário Multidisciplinar de Especialistas Brasileiros em 3ª Idade, 1992. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1992, p. 41-62.
- BORN, T. **O Nikkei e sua americanidade**. São Paulo: M. Ohno, 1986.
- HASHIMOTO, F. **Sol nascente no Brasil: cultura e mentalidade**. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, 1991.
- INTO, Meyre Eiras de Barros. **Concepções de velhice e cuidado em três gerações de origem nipo-brasileira**. UNICAMP, Tese de Doutorado (Faculdade de Educação), 1997.

- RESENDE, T. H. **Ryu Mizuno: saga japonesa em terra brasileira**. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1991.
- SAITO, H. & Maeyama, T. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1973.
- SAKURAI, C. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1993.
- STADNIKY, Hilda Pívaro. *Expropriação e distribuição social do consumo coletivo: a condição feminina enquanto categoria de análise*. In: **A economia em Revista**, vol. 4, (1), Maringá, 1995, p. 61-81.
- STADNIKY, Hilda Pívaro. *Uma colonização democrática: a negação das diferenças*. In: **Cadernos de metodologia e Técnica de Pesquisa**. Universidade Estadual de Maringá, n° 6 (6), 1995, p. 215-45.
- TOMITA, S.K. *The consideration of cultural factors in the research of elder mistreatment with an indepth look at the Japanese*. Journal of Cross Cultural Gerontology, n° 9, p. 39-52, 1994.
- TORTATO, A. *50 anos de presença japonesa em Maringá: de 1939 a 1989*. Maringá, [s. n.], 1989. Mimeografado.
- UNIVERSIDADE DE TÓQUIO. *Comissão de Recenseamento da colônia japonesa. O imigrante japonês no Brasil*. Universidade de Tóquio, 1964, 766 p.
- VIEIRA, F.I.S. *A organização da família e o processo de absorção do japonês*. In: **O japonês na frente de expansão paulista**. São Paulo: Pioneira, 1973, p. 109-63.